

“O mar na mansarda”

François Regnault*

Ao conhecedor de Ibsen, propõe-se a seguinte hipótese ou o seguinte exercício: num salão fechado, reencontrar todas as viagens de *Peer Gynt*, todos os abismos de *Brand*. Ver a montanha no salão, a ravina no quarto de dormir, o deserto na casa de banho, e, como diz a Hedvig de *O Pato Selvagem*, o mar na mansarda. [...] Aliás, nenhum dos dramas naturalistas de Ibsen é verdadeiramente fechado. A instância da abertura está sempre marcada: ora um lugar acima da cena, ora algo que se avista pela janela, ora um aposento por detrás de uma cortina, etc. Lembramo-nos do sótão em *O Pato Selvagem*, mas também há a ravina em *Rosmersholm*, a torre que se vê através da janela em *O Construtor Solness*, John Gabriel Borkman que caminha ininterruptamente por cima do tecto no drama homónimo, a enseada em *A Dama do Mar*, o golfo onde jaz o pequeno Eyolf, o jardim de Inverno em *Espectros*, a grande janela interior que dá para a saleta em *Hedda Gabler*, e todo o interesse de *Casa de Boneca* converge para o desenlace já que, como diz Helmer, “o maior dos prodígios” acontece, a saber: Nora sai de Casa. Se examinarmos bem a função da torre, da ravina, da saleta interior, etc., nas peças supracitadas, facilmente verificamos que todo o drama se constrói em torno de uma relação entre o palco e esse lugar outro, como se todos os cimios de *Brand* e todas as vastidões de *Peer Gynt* tivessem sofrido uma contracção, e se encontrassem concentradas no pequeno teatro do drama dito burguês. E, no coração da sala rasa e protegida por um tecto, voltamos a identificar as funções da horizontalidade e da verticalidade que polarizam e dinamizam os dois grandes poemas de 1866 e 1867. [...]

Diz [James] Joyce: “Não podemos deixar de reparar que, nas suas últimas obras, Ibsen tem tendência a evadir-se dos espaços fechados”. Como se, no limiar do silêncio, Ibsen tivesse querido voltar aos amplos espaços e aos longos tempos *gyn-tianos* que roçam a eternidade, e abandonar a prosa do mundo para se içar de novo ao plano da poesia.

* Excerto de “La mer dans le grenier”. *Théâtre en Europe*. N.º 15 (Oct. 1987). p. 27.
Trad. Regina Guimarães.

Publicado em:

A Dama do Mar. [Programa]. Porto: Teatro Nacional São João, 2008.